

DESTRUIÇÃO, NEGAÇÃO, SUBTRAÇÃO: SOBRE PIER PAOLO PASOLINI ¹

Alain Badiou ^{2/3}

O conteúdo abstrato de minha intervenção é muito simples. Posso resumizá-lo em cinco pontos:

1. Todas as criações, todas as novidades, são em algum sentido a parte afirmativa de uma negação. “Negação”, porque se algo acontece como novo, não pode ser reduzido à objetividade da situação em que se passa. Então, é certamente como uma exceção negativa às leis regulares dessa objetividade. Mas “afirmação”, a parte afirmativa da negação, porque se uma criação é reduzível a uma negação das leis comuns da objetividade, ela depende completamente delas a respeito de sua identidade. Assim, a própria essência de uma novidade implica negação, porém deve afirmar sua identidade separada da negatividade da negação. É por causa disso que digo que uma criação ou uma novidade deve ser definida paradoxalmente como uma parte afirmativa da negação.
2. Chamo “destruição” a parte negativa da negação. Por exemplo, se consideramos a criação de Arnold Schönberg, no começo do século passado, do sistema musical dodecafônico, podemos dizer que essa criação realizou a destruição do sistema tonal, que no mundo Ocidental dominou a criação

¹ Texto escrito e apresentado originalmente em inglês sob o título *Destruction, Negation, Subtraction: on Pier Paolo Pasolini*, publicado em: BADIOU, Alain. *The Age of the Poets: And Other Writings on Twentieth-Century Poetry and Prose*. trad. Emily Apter e Bruno Bosteels. New York: Verso, 2014, p. 83-92. Trata-se de uma conferência realizada em 2007 pelo Departamento do Programa em Mídias Sociais da European Graduate School (EGS), em Saas-Fee, na Suíça, sob o título *Destruction, Negation, Subtraction* e disponível em: BADIOU, Alain. *Destruction, Negation, Subtraction*. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLEF86550BCF0C9502>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

² Filósofo, dramaturgo, romancista, professor emérito da Escola Normal Superior de Paris (1937-). É conhecido por sua militância maoísta, por sua defesa do comunismo e dos trabalhadores estrangeiros em situação irregular na França. Aluno de Sartre, Althusser e Lacan, seu pensamento é fortemente marcado pelo marxismo, pela psicanálise e pela matemática. É autor, dentre suas dezenas de títulos, da trilogia *O Ser e o Evento* (1988), *Lógicas dos Mundos: o ser e o evento*, 2 (2006), e da obra recém-publicada *A Imanência das Verdades: o ser e o evento*, 3 (2018).

³ Traduzido por José Mauro Garboza Junior, Mestre em Ciência Jurídica pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Jurídica da Universidade Estadual do Norte do Paraná (PPGCJ-UENP), Graduado em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná (UENP), Graduado em Ciências Sociais e História pela Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES), coordenador do coletivo Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia (CEII), e associado do Instituto Lalangue de Londrina. Contato: garbozajm@gmail.com.

musical por três séculos. Da mesma maneira, a ideia marxista de revolução foi realizar o processo de negação imanente do capitalismo pela destruição completa da maquinaria do estado burguês. Em ambos os casos, a negação é a concentração eventual ⁴ de um processo por meio do que se chega à completa desintegração de um mundo antigo. Ela é essa concentração eventual que percebe o poder negativo da negação, a negatividade da negação, que chamo destruição.

3. Chamo a parte afirmativa da negação de “subtração”. Por exemplo, os novos axiomas musicais que, para Schönberg, estruturam a sucessão admissível das notas em um trabalho musical, fora do sistema tonal, não são de forma alguma dedutíveis da destruição desse sistema. Elas são as leis afirmativas de um novo contexto para a atividade musical. Mostram a possibilidade de uma nova coerência para o discurso musical. O ponto que precisamos entender é que essa nova coerência não é nova porque alcança o processo de desintegração do sistema. A nova coerência é nova na medida em que, no contexto que os axiomas de Schönberg impõe, o discurso musical evita as leis de tonalidade, ou, mais precisamente, torna-se indiferente a essas leis. É por isso que podemos dizer que o discurso musical é subtraído de sua legislação tonal. Claramente, essa subtração está no horizonte da negação; mas existe separada da parte puramente negativa da negação. Existe além da destruição.

É o mesmo para Marx no contexto político. Marx insiste em dizer que a destruição do estado burguês não é em si mesmo uma conquista. O objetivo é o comunismo – isto é, o fim do estado como tal, o fim das classes sociais, em favor de uma organização puramente igualitária da sociedade civil. Mas para chegar a isso, precisamos primeiro substituir o estado burguês por um novo estado, que não é o resultado imediato da destruição do primeiro. De fato, é um estado diferente do estado burguês como a música experimental de hoje pode ser de uma peça acadêmica tonal do século dezenove, ou como uma performance

⁴ O termo “evental” no texto originalmente publicado em inglês traduz, certamente, a palavra “événementiel” em francês, bastante familiar aos leitores de Badiou. Muito embora “acontecimental” possam também ser empregado, optou-se por manter o primeiro termo a partir das traduções já feitas no Brasil de “evento” (e não “acontecimento”) ao “événement”. [N.R.]

contemporânea pode o ser da representação acadêmica dos Deuses Olímpicos. Para o novo estado – que Marx chama “ditadura do proletariado” – é um estado que organiza seu próprio desaparecimento, um estado que é em sua própria essência o processo do não-estado. Talvez, como para Theodor W. Adorno, a “música informal” é o processo em um trabalho de desintegração de todas as formas, podemos dizer então que, no pensamento original de Marx, a “ditadura do proletariado” foi um nome para um estado que é subtraído de todas as leis clássicas de um estado “normal”. Para um estado clássico é uma forma de poder; mas o estado chamado “ditadura do proletariado” é o poder do não-poder, o poder do desaparecimento da questão do poder. De todo caso, chamamos subtração essa parte da negação que é orientada pela possibilidade de algo que existe absolutamente separada do que existe sob as leis as quais a negação nega.

4. Portanto, a negação está sempre em sua ação concreta – política ou artística – suspensa entre a destruição e a subtração. A própria essência da negação é a destruição tem sido a ideia fundamental do século passado. A ideia fundamental do começo deste século deve ser que a própria essência da negação é subtração.

5. Mas subtração não é a negação da destruição, nada mais do que a destruição foi a negação da subtração, como vimos com Schönberg ou Marx. A questão mais difícil é precisamente manter o completo conceito de negação do ponto de vista da subtração, como Lenin, Schönberg, Marcel Duchamp, John Cage, Mao Tsé-Tung ou Jackson Pollock mantiveram o completo conceito da negação do ponto de vista da destruição.

Para clarificar o complexo jogo interno entre destruição, negação e subtração, proponho ler um fragmento de um magnífico poema de Pier Paolo Pasolini.

Pasolini é conhecido como um cineasta; em particular, criou durante os anos sessenta e setenta profundas leituras visuais contemporâneas das duas grandes tradições intelectuais Ocidentais: aquela da Grécia Antiga, com filmes como *Medeia* e *Édipo Rei*; e daquela Judaico-Cristã, com *O Evangelho Segundo*

São Mateus, e um roteiro muito complexo sobre a vida de São Paulo. Tudo isso constitui um pensamento difícil da relação entre História, mitos e religião. Pasolini era, simultaneamente, um marxista revolucionário e um homem para sempre influenciado por sua infância religiosa. Sua questão era: seriam o devir revolucionário da História, a negatividade política, uma destruição da beleza trágica dos mitos gregos e da promessa pacífica do cristianismo? Ou temos que falar de uma subtração, por onde uma reconciliação afirmativa da beleza e da paz se torna possível em um novo mundo igualitário?

Pasolini é também conhecido pela relação entre sua vida privada e suas convicções públicas. Não apenas era homossexual, mas isso era uma parte de sua visão política, muitos anos antes do início dos movimentos de gays e lésbicas. Ele sabia perfeitamente bem que o desejo – e no seu próprio caso o desejo pelos jovens trabalhadores pobres dos subúrbios de Roma – não é independente de nossas escolhas ideológicas. Uma vez mais, a tarefa é inscrever o desejo sexual na negatividade política não como uma característica puramente subversiva e destrutiva, mas sim como um criativo deslocamento da linha que separa a subjetividade individual da coletiva.

Pasolini foi assassinado em novembro de 1975. Ele tinha cinquenta e três anos. As circunstâncias desse horrível assassinato permanecem obscuras até hoje. Mas certamente elas estão exatamente no ponto em que as determinações políticas estão ligadas com as situações sexuais. É este o ponto que foi, para Pasolini, uma fonte constante de novas verdades, mas também de uma tragédia existencial.

Filmes maravilhosos, compromissos políticos, ensaios críticos, grandes romances, novo estilo existencial... Além de tudo isso, Pasolini é o maior poeta de sua geração. Podemos distinguir três grandes coleções poéticas:

1. Os poemas escritos quando Pasolini tinha vinte anos, em um específico dialeto italiano, o friulano. Aqui temos a tentativa de subtrair a poesia da autoridade da língua oficial italiana, e usar uma linguagem popular contra a linguagem do estado. É um exemplo característico daquilo Deleuze denomina "política minoritária" na poesia.

2. A grande coleção publicada em 1957, cujo coração é o magnífico poema *As Cinzas de Gramsci*, uma complexa meditação sobre a história, a ideologia marxista, a paisagem italiana e os sentimentos pessoais. O título é em si mesmo uma metáfora da negação melancólica. É como se Gramsci, o Mestre, o Pai do marxismo italiano, tivesse se dissipado na poeira da História.

3. As duas coleções do início dos sessenta: *A Religião do Meu Tempo* (1961) e *Poesia em Forma de Rosa* (1964). Aqui temos o contexto do fragmento que gostaria de explicar hoje. Fundamentalmente, é o amargo desapontamento de Pasolini em relação às práticas da esquerda italiana – e mais precisamente, duas falhas muito sérias do Partido Comunista: a primeira, uma infidelidade à luta armada de milhares de jovens contra o fascismo e o nazismo durante a guerra; a segunda, a incapacidade do Partido Comunista de organizar a revolta de milhares de jovens trabalhadores nos subúrbios das cidades italianas.

Portanto, temos aqui uma dupla negação dos jovens populares: no passado, onde sua luta foi esquecida; e no presente, onde sua revolta foi desprezada. Mas Pasolini tem duas razões muito importantes para estar apaixonadamente interessado pela existência e pelas lutas dos jovens. Primeiro, seu irmão mais novo, Guido, foi morto em batalha durante a guerra como um *partisan*, um lutador da resistência. E o terrível problema é que ele não foi morto por fascistas, mas por comunistas de outro país (comunistas iugoslavos), por causa da rivalidade entre italianos e iugoslavos a respeito do controle de algumas das regiões fronteiriças. Segundo, como um homem gay, Pasolini sempre tivera relacionamentos reais e constantes com os trabalhadores jovens pobres ou com os desempregados dos subúrbios. É por essa razão que muitos dos poemas de Pasolini falam da contradição entre a história, a política e a existência concreta da juventude proletária.

Vamos primeiro ouvir um desses poemas. É um fragmento de um poema muito longo, “Vitória” (*Vittoria*):

“Toda política é uma realpolítica”, alma

*guerreira com a tua delicada raiva!
Não reconhece uma outra alma, hem? Esta
onde está toda a prosa do homem hábil,*

*do revolucionário ligado à honesta
média do homem (também a cumplicidade
com os assassinos dos Anos Amargos se insere*

*no classicismo protetor, que faz
o comunista de bem): não reconhece o coração
que se torna escravo do seu inimigo, e vai*

*onde o inimigo vai, conduzido pela história
que é a história dos dois, e os faz, no fundo,
estranhamente irmãos; não reconhece os temores*

*de uma consciência que, lutando com o mundo,
compartilha das suas normas da luta séculos afora,
como por um pessimismo no qual afundam,*

*para se fazerem mais viris, as esperanças. Alegre,
de uma alegria que nos bastidores não sabe
é esse exército – cego no cego*

*sol – de jovens mortos, que vem
e espera. Se o seu pai, o seu chefe,
deixa-o só nos brancos montes, nas serenas*

*planuras – absorvido em um misterioso debate
com o Poder, ligado à sua dialética
que a história renova sem paz –*

*devagar devagarinho dentro dos bárbaros peitos
dos filhos, o ódio se faz amor pelo ódio,
ardendo só nesses, os poucos, os benditos.*

*Ah, Desespero que não conhece códigos!
Ah, Anarquia, amor livre
De santidade, com seus cantos valorosos!⁵*

⁵ Agradeço aos amigos professores Elaine Pinto e Germano Nogueira Prado, do Círculo de Estudos da Ideia e da Ideologia (CEII), pela tradução do poema. Na edição original italiana: “«Ogni politica è una realpolitica», anima// guerriera, con la tua delicata rabbia!/ Non riconosci un'altra anima, eh? Questa/ dove c'è tutta la prosa dell'uomo abile,// del rivoluzionario attaccato all'onesta/ media dell'uomo (anche la complicità/ con gli assassini degli Anni Amari s'innesta// nel classicismo protettore, che fa/ il comunista perbene): non riconosci il cuore/ che diventa schiavo del suo nemico, e va// dove il nemico va, condotto dalla storia/ ch'è storia di tutti due, e li fa, nel profondo,/ stranamente fratelli; non riconosci i timoti// d'una coscienza che, lottando col mondo,/ ne condivide le norme della lotta nei secoli,/ come per un pessimismo in cui affondano,// per fars più virili, le speranze. Lieto/ d'una lietezza che non sa retroscena/ è questo esercito – cieco nel cieco// sole – di giovani morti, che viene/ ed aspetta. Se il suo padro, il suo capo,/ lo lascia solo nei bianchi monti, nelle serene// pianure – assorbito in un misterioso dibattito/ con il Potere, legato alla sua dialettica/ che la storia rinnova senza pace –// piano piano dentro i barbarici petti/ dei figli, l'odio si fa amore per l'odio/ardendo solo in essi i pochi, i benedetti.// Ah, Disperazione che non conosci codici!/ Ah, Anarchia, libero amore/ di Santità, con i tuoi canti prodi!” PASOLINI, Pier Paolo. Vittoria. In: PASOLINI, Pier Paolo. *Tutte le poesie*. v. 1. A cura e con uno scritto di Walter Siti, saggio introduttivo di Fernando Bandini, cronologia a cura di Nico Naldini. Arnoldo Mondadori: Milano, 2009. p. 1265-1266. [Nota do tradutor]

Para obter uma visão geral desse fragmento, podemos dizer algo assim como: todos estão dizendo que a política deve ser realista, que todas ilusões ideológicas foram prova das perigosas e sangrentas.

Mas o que é o real para a política? O real é a História. O real é o devir concreto de luta e negação. Mas como é possível entender ou conhecer a História? Podemos fazê-lo se conhecermos as regras da História, as grandes leis do devir. Esta é a lição do marxismo.

Mas não seriam as leis da História as mesmas para nós e para nossos inimigos? E se isso for o caso, como pode a negação ser distinguida da aprovação?

Estamos na situação em que a destruição sendo suprimida se torna cumplicidade – a subtração em si, a oposição, se quiserem. Como Pasolini escreve: reconhecemos que estamos indo exatamente para onde o inimigo vai, “guiados por uma História que é a história de ambos”. E a esperança política é impossível.

Então, se os jovens mortos da última guerra pudessem ver a presente situação política, não concordariam com essa cumplicidade. Finalmente, eles não poderiam aceitar seus pais políticos, os líderes do Partido Comunista. E eles se tornariam por necessidade pessoas bárbaras e niilistas, exatamente como os jovens desempregados dos subúrbios.

O poema é um manifesto da verdadeira negação.

Se a subtração é separada pela destruição, temos como resultado ódio e desespero. O símbolo desse resultado é a fusão dos heróis mortos da última guerra com os trabalhadores desprezados dos nossos subúrbios em uma espécie de figura terrorista. Mas, se a destruição for separada pela subtração, temos como resultado a impossibilidade da política, porque os jovens são absorvidos por uma espécie de suicídio coletivo niilista, sem pensamento ou destinação. No primeiro caso, os pais, que são responsáveis pela orientação política emancipatória, abandonam seus filhos em nome do real. No segundo caso, os filhos, que são a força coletiva de uma possível revolta, abandonam seus pais em nome do desespero.

Todavia, a política emancipatória só é possível quando os pais, as mães e alguns filhos e filhas estiverem aliados em uma negação efetiva do mundo tal como é.

Algumas observações:

1. Todo o começo: sob a ideia de "Realpolitik", temos algo como uma negação sem destruição. Defino isso como "oposição" no sentido democrático ordinário. Como os democratas contra Bush. Encontramos duas excelentes definições desse tipo de negação: a "prosa do homem inteligente" e o "classicismo protetor". Vocês notarão que, em ambos os casos, a comparação é com estilo artístico conservador.
2. Os "anos amargos" são os anos da guerra, que, na Itália, foram em grande parte também uma guerra civil.
3. O coração da "oposição" está em substituir algumas regras para a violência do real. Em meu jargão, posso dizer: substituir as regras da história, ou as regras da economia, pela ruptura do evento. E quando se faz isso, você "compartilha com as regras da luta" com seu inimigo. E, finalmente, você se torna o "escravo do seu inimigo", um "irmão" do seu inimigo.
4. Nesse contexto, Pasolini tem uma espécie de visão magnífica e melancólica. O exército de jovens mortos da última guerra, entre eles certamente seu irmão mais novo Guido, está vindo para ver seu pai, seu líder. Ou seja, de fato, os líderes revolucionários de hoje. Este exército, "cego pela luz do sol", chega e aguarda "nas brancas montanhas, nas planícies serenas". E eles veem seu pai, seu líder, absorvido na forma muito fraca da negação, a negação dialética. Essa negação não está separada do poder. Essa negação é apenas um relacionamento obscuro do próprio poder. É "um misterioso debate com o Poder". Assim, o pai é de fato sem liberdade – ele está "atado" pela dialética do poder.
5. A conclusão é que este pai "abandona-os". Veem o problema, que é claramente um problema de hoje. O exército de jovens mortos estava do lado da destruição, do ódio. Eles existiram no difícil lado da negação. Mas eles aguardam por uma orientação, por uma negação que, sob a lei paterna, reconcilia a destruição e a subtração.
Mas os líderes contemporâneos os abandonam. Então eles têm apenas a parte destrutiva da negação. Eles têm apenas o "Desespero que não conhece leis! ".

6. E a descrição de sua subjetividade é bastante expressiva. Sim, eles estavam do lado do ódio, da destruição. Eles eram “jovens homens irritados”. Mas agora, em uma fórmula muito impressionante, “o ódio torna-se o amor ao ódio”. Esse amor ao ódio é a negação como puramente destrutiva. Sem qualquer acesso à subtração, sem pais nem líderes, temos que enfrentar a nudez dos “peitos bárbaros dos filhos”.

7. A grande poesia é sempre uma antecipação, uma visão, do futuro coletivo. Podemos ver aqui que Pasolini descreve a subjetividade terrorista. Ele indica com surpreendente precisão que a possibilidade dessa subjetividade entre jovens homens ou mulheres é a falta de qualquer esperança racional de mudar o mundo. É por isso que ele cria uma equivalência poética entre o desespero (a consequência niilista da falsa negação), a anarquia (a versão política puramente destrutiva) e o “amor livre da Santidade”, que é o contexto religioso do terrorismo, com a figura do mártir. Esta equivalência é certamente mais clara hoje do que há quarenta anos, quando Pasolini escreveu “Vitória”.

Podemos agora concluir: os problemas políticos do mundo contemporâneo não podem ser resolvidos, nem no fraco contexto da oposição democrática, que de fato abandona milhões de pessoas a um destino niilista, nem no contexto místico da negação destrutiva, que é outra forma de poder, o poder de morte. Nem subtração sem destruição, nem destruição sem subtração. Este é de fato o problema da violência hoje. A violência não é, como foi dito durante o século passado, a parte criativa e revolucionária da negação. O caminho da liberdade é o caminho subtrativo. Mas para proteger a subtração em si, para defender o novo reino da política emancipatória, não podemos radicalmente excluir todas as formas de violência. O futuro não está do lado dos selvagens jovens homens e mulheres dos subúrbios populares – não podemos abandoná-los. Mas tampouco o futuro está do lado da sabedoria democrática das mães e dos pais com suas leis. Temos que aprender algo da subjetividade niilista.

O mundo é feito não de lei e ordem, mas de lei e desejo. Vamos aprender com Pasolini para não sermos “absorvidos em um misterioso debate com o poder”,

para não abandonarmos milhões de jovens homens e mulheres tanto “das brancas montanhas” quanto “das planícies serenas”.

REFERÊNCIAS

BADIOU, Alain. *Destruction, Negation, Subtraction*. Disponível em: <https://www.youtube.com/playlist?list=PLEF86550BCF0C9502>. Acesso em: 10 de janeiro de 2019.

BADIOU, Alain. *The Age of the Poets: And Other Writings on Twentieth-Century Poetry and Prose*. trad. Emily Apter e Bruno Bosteels. New York: Verso, 2014, p. 83-92.

PASOLINI, Pier Paolo. Vittoria. In: PASOLINI, Pier Paolo. *Tutte le poesie*. v. 1. A cura e con uno scritto di Walter Siti, saggio introduttivo di Fernando Bandini, cronologia a cura di Nico Naldini. Arnoldo Mondadori: Milano, 2009, p. 1265-1266.